

## PAISAGEM SONORA: UM ESTUDO DA VOZ HUMANA COMO SÍMBOLO SONORO

**Fábio Miguel**

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP  
 Instituto de Artes – Música/ Ecologia Sonora  
*SIMPOM: Subárea de Educação Musical*

### Resumo

Discute a respeito de uma pesquisa de doutorado, que objetiva estudar a voz humana como símbolo sonoro no contexto do espaço acústico do bairro Jardim Utinga; compreender como os moradores se relacionam com esse som em meio a tantos outros e, também, como um possível desequilíbrio na relação homem-ambiente sonoro pode trazer modificações no plano simbólico. Para isso, utiliza-se o conceito de símbolo sonoro, dado por Schafer (2001) para tratar um evento sonoro, no caso a voz, além de suas sensações mecânicas e funções sinalizadoras. Ampara-se também, nas idéias de Geertz (1989,1997) para pensar a voz humana como um símbolo sonoro que é parte de um sistema geral de formas simbólicas que constitui a cultura, em que os elementos desse sistema — símbolos significantes — se, profundamente interpretados possibilitam conhecer a comunidade do Jardim Utinga. Ainda, transpõem-se os conceitos de ecossistema nativo, transformado e antrópico de Soffiati (2002) para ambiente sonoro nativo, transformado e antrópico para uma análise dos possíveis desequilíbrios no ambiente sonoro do bairro. Mostra-se, como e por que, os procedimentos metodológicos iniciais foram modificados. Comenta-se brevemente a respeito do critério de amostra probabilística Richardson (1999) adotado para confecção da amostra das ruas, da amostra dos dias da semana, do tempo de gravação e da amostra de pessoas do bairro para responder o questionário. Sem analisar, comenta-se a respeito de gravações realizadas em julho; do questionário semi-estruturado que será aplicado aos moradores das ruas onde ocorreram as gravações, o que se pretende com as questões elaboradas e acerca do método do DSC (Discurso do Sujeito Coletivo) para análise das entrevistas. Conclui-se explicitando os desdobramentos do seminário (THIOLLENT, 2002) que será realizado e de que maneira o referencial teórico, em conjunto com os dados levantados, fundamentam a reflexão da voz humana como símbolo sonoro no Jardim Utinga.

**Palavras-chave:** ecologia acústica; paisagem sonora; voz; símbolo sonoro; educação sonora.

Esta pesquisa de doutorado iniciada em agosto de 2008, sob a orientação da professora Dr. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada visa estudar os sons da voz humana em meio a outros sons no bairro de Jardim Utinga na cidade de Santo André, São Paulo. O referencial teórico de base utilizado é encontrado em Murray Schafer, compositor, educador musical e pioneiro nos estudos do ambiente sonoro por ele denominado estudos da Paisagem Sonora e definido como:

“O ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções



**I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música**  
 XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO  
 Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas com um ambiente.” (SCHAFER, 2001, p. 366)

Este conceito é amplamente abordado em seu livro, *A afinação do mundo* (2001), o qual dá suporte à pesquisa na mediada em que fornece referenciais teóricos que possibilitam uma reflexão do estado de consciência das pessoas em relação ao ambiente sonoro contemporâneo, no que se refere aos efeitos causados por este sobre o comportamento de indivíduos e grupos sociais, bem como da interpretação dos significados referenciais dos sons de determinado ambiente. Compreende-se, ainda, que os sons de uma dada comunidade podem ser tomados como indicadores das condições sociais que o produzem e revelar muita coisa a respeito das tendências e das mudanças ocorridas nessa sociedade (SCHAFER, p. 23), principalmente quando o som é único ou tem qualidades que o tornam especialmente notados pelos membros dessa comunidade. Por isso, estudar a voz humana em meio aos outros sons no bairro de Jardim Utinga, poderá ser um caminho para perceber características dessa comunidade pela maneira que produzem os sons se relacionam com eles.

No ambiente sonoro contemporâneo, a voz humana tem sido mascarada ou esmagada pela “superpopulação” de sons mecânicos, tecnológicos e eletrônicos fruto de um crescente desequilíbrio, que vem desde a Revolução Industrial (SCHAFER, 2001, p. 107). O desequilíbrio, na relação homem-ambiente sonoro, entre outras coisas, pode trazer modificações no plano simbólico, uma vez que os eventos sonoros simbólicos podem perder significação, por não serem mais audíveis, ou por perderem seu valor na comunidade. De acordo, com Schafer um som pode ser signo: ele não soa, apenas indica; um som pode ser sinal: quando tem um significado específico e, em geral, estimula uma resposta direta e pode ser, também, símbolo: quando desperta em nós emoções ou pensamentos, além de suas sensações mecânicas ou funções sinalizadoras, quando possui uma numinosidade ou reverberação que ressoa nos mais profundos recessos da psique (SCHAFER, 2001, p. 239). Ao tomar-se a voz humana, como símbolo sonoro, portanto, nessa pesquisa, pretende-se ir além de sua funcionalidade, remetendo seus ouvintes a experiências, que embora, não expressas por palavras, ficam registradas em sua mente e são capazes de engendrar e reter as relevantes mudanças. É um som que faz parte da vida imaginativa das pessoas, levando-as para o desconhecido e o infinito.

A interpretação da voz como símbolo sonoro possui múltiplas dimensões, intrínsecas à relação da comunidade com seu ambiente sonoro que se dá em constante interação. Essa relação dinâmica torna o símbolo vivo, carregado de afetividade e dinamismo. O evento sonoro simbólico coloca o homem numa intensa rede de relações, causando um sentimento de identificação ou participação, por meio de uma

transferência imaginária, a qual transporta o homem para o interior do símbolo, assim como o símbolo ao interior do homem. É, portanto, um processo de integração, no qual o indivíduo, numa expressão espontânea, e ao mesmo tempo numa comunicação adaptada, desenvolve a imaginação criadora e sentido do invisível. De modo geral, a voz, como elemento simbólico, tem uma função socializante que permite a comunicação com o meio social, de maneira que se possibilite penetrar no sentido desse símbolo, o que se configura na possibilidade de por meio dele, conhecer uma dada sociedade.

Pela importância da questão referente ao simbolismo sonoro tratado na pesquisa, fez-se, também, necessária a utilização de referencial provindo da Antropologia, para auxiliar na compreensão da voz como um elemento simbólico. Acrescente-se que este estudo tem se desenvolvido a partir de uma concepção semiótica da cultura, tal como apresentada por Geertz(1989). Segundo o autor, a cultura pode ser vista como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções — para governar o comportamento e, a cultura, enquanto mecanismo de controle, tem como pressuposto que o pensamento humano é basicamente tanto social como público, pois o pensamento está ligado aos símbolos significantes — palavras, gestos, sons musicais, etc., ou seja, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para dar uma significação à experiência. A partir dessa premissa, pode-se entender que a voz como símbolo sonoro é uma parte do sistema geral de formas simbólicas chamado cultura, que do ponto de vista semiótico, é visto como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis (símbolos) que permite, por meio da construção e desconstrução de descrições de forma densa, compreender determinada comunidade. Ampliando o âmbito conceitual, além dessa abordagem semiótica da cultura como fundamento deste trabalho, em interface com o conceito de símbolos significantes, apresentadas por Schafer (2001) e Geertz (1989, 1997) são ainda, associados, os conceitos de Soffiati (2002, p. 17) para ecossistema. Segundo este último, pode-se falar em ecossistema nativo (que é formado pela natureza não-humana que mantém os processos auto-reparadores, mesmo com a ação do homem); ecossistema transformado (que é um ecossistema nativo profundamente alterado pela ação antrópica); ecossistema antrópico (em que a ordem nativa -natureza não humana- foi drasticamente substituída por uma ordem humana a ponto de, muitas vezes, desaparecer). Transpondo estes conceitos para o ambiente sonoro, tem-se ambiente sonoro nativo — vozes de animais, o canto de pássaros, zumbido de insetos; fenômenos naturais: chuva, trovão e vento; tem-se ambiente sonoro transformado — sons humanos, como fala, risada, grito, tosse, gemido, choro — neste a ordem nativa é modificada pela ação humana; ou ambiente sonoro antrópico — em que os sons naturais e humanos (como o da voz) são massacrados

por eventos sonoros mecânicos, tecnológicos e eletrônicos, tais quais como: sons produzidos por máquinas, objetos em geral brinquedos e instrumentos (FONTERRADA, 2004, p. 80)

O suporte encontrado nesses diferentes autores tem auxiliado na compreensão da voz como símbolo sonoro que no bairro em questão, pela intensificação, sobretudo de ruídos mecânicos e tecnológicos e, principalmente, de trânsito na rua, tem perdido o seu espaço.

O autor desta pesquisa é morador do bairro, desde o nascimento. Jardim Utinga é um dos 120 bairros da cidade de Santo André, com 5.513 habitantes (Fonte: IBGE – Censo demográfico 2000 / CIS/SOPP/PMSA) que possui um campo de futebol chamado Alvi Negro, escola pública estadual (1), municipal (1) e particular (1), estabelecimentos comerciais (lojas, farmácias e bares), residências (casas), igrejas evangélicas e o Grêmio Esportivo Jardim Utinga (GEJU) onde são realizados eventos de várias naturezas. Além dos sons produzidos nesses locais anteriormente citados, há os sons produzidos pela circulação de veículos e carros de propaganda de comércios do próprio bairro ou de bairros vizinhos. Como co-participante dessa realidade tenho buscado observar de forma sistemática o ambiente sonoro desse bairro e a relação que os moradores mantêm com ele, principalmente no que se refere ao significado da voz como um evento sonoro simbólico que permita abrir novos modos de percepção para reflexão do desequilíbrio homem-ambiente sonoro.

Por meio desta pesquisa, busca-se compreender a relação dos moradores com o ambiente sonoro do bairro de modo que se possa perceber de que maneiras a voz pode ser identificada como um símbolo interpretável no contexto cultural descrito. Esse tipo de análise cultural do fenômeno — no caso o som da voz — possibilita perceber o som como um elemento importante dentro das relações de significação produzidas pela própria comunidade. De maneira específica, pretende-se:

- a) Fazer um mapeamento dos sons do bairro;
- b) Classificar os sons levantados de acordo com os aspectos referencias e estéticos, seguindo-se o modelo criado por Schafer (2001, p. 194,205);
- c) Verificar com que frequência a voz aparece nas gravações ou é citada pelos moradores do bairro no questionário; se ela pode ser tomada, nesse contexto, com um indicador com seus desdobramentos simbólicos;
- d) Verificar as funções e o significado da voz no contexto estudado

Para atingir os objetivos expostos acima, nessa pesquisa sistemática do ambiente sonoro do bairro do Jardim Utinga, sobretudo no que se refere aos aspectos simbólicos do som, achou-se pertinente, dentro de uma abordagem qualitativa, a utilização de técnicas de observação participante. Nessa

abordagem participante, o pesquisador se coloca na posição e no nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Esse tipo de observação é recomendado para o estudo de grupos e comunidades, pois dá condições ao observador de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade (RICHARDSON, 1999, p. 259-61). Dessa forma, foram delineados inicialmente os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Gravação em MP3 ou MP4 do ambiente sonoro do bairro de Jardim Utinga que possui 34 logradouros com três avenidas principais (av. João Pessoa, av. Sapopemba e av. Martim Francisco) que ligam o bairro a outros bairros da cidade e as duas primeiras, além disso, são caminhos de ligação para o município de São Paulo. Pretende-se realizar gravação, de 5 minutos, nessas ruas e avenidas — no âmbito do bairro — durante uma semana, de domingo a sábado, em quatro períodos distintos: entre 06:00h e 12:00h; entre 12:00h e 18h; entre 18:00h e 00:00h; entre 00:00h e 06:00h, totalizando 238 dias, com aproximadamente 20h de gravação num prazo de 08 meses e meio para a conclusão dessa etapa. Os sons gravados serão transferidos ao computador para serem gravados em CD ou DVD de forma que se obtenha o mapeamento sonoro do bairro que será material para parte da análise e retorno a comunidade por meio da técnica de seminário.
2. Aplicação de questionário fechado, de forma aleatória, aos moradores nas ruas do bairro onde foram feitas as gravações;
3. Tabulação dos dados gravados em MP3 e levantados por meio do questionário, de acordo com os aspectos referenciais definidos por Schafer como: sons naturais: produzidos na natureza, incluindo-se os sons imaginários ou os impossíveis de serem ouvidos pelo ouvido, como os sons da Criação ou do Apocalipse. Fazem parte desse grupo, também, os sons de fenômenos naturais, como água, o ar, a terra e o fogo, além de sons dos animais, pássaros e insetos e animais aquáticos; sons humanos: isto é, produzidos pelo homem, nos quais se incluem os da voz, do corpo e os produzidos pelo vestuário (jóias, roupas, calçados); sons mecânicos e tecnológicos, produzidos por máquinas e equipamentos de várias naturezas, aos quais se pode agregar, atualmente, os sons eletrônicos;
4. Tabulação dos dados gravados e levantados por meio do questionário, de acordo com os aspectos estéticos, visando conhecer quais os sons da paisagem sonora do bairro Jardim Utinga são apreciados ou não pelos moradores; o que esses eventos sonoros representam para eles; que importância as pessoas dão aos sons e quais deles acrescentariam ou retirariam do ambiente. De acordo com Schafer, esse tipo de classificação é, talvez, o mais

difícil de todos os tipos, pois a reação dos indivíduos aos sons pode ser diversa. Contudo, os aspectos estéticos de um espaço sonoro precisam ser considerados, a fim de que as pessoas possam participar da discussão a respeito do ambiente sonoro com o qual convivem.

5. Elaboração de quadro comparativo da (s) ocorrência (s) do som da voz em relação aos demais sons observados no bairro;
6. Análise dos dados levantados de acordo com o segundo princípio — consciência do simbolismo sonoro — apontado por Schafer (p. 330) para o estudo da paisagem sonora relacionando-o com o conceito de símbolo significante de Geertz (p. 57) os quais possibilitam a interpretação da voz com um símbolo sonoro no contexto da comunidade, no bairro Jardim Utinga, cujo o ambiente sonoro tende a ser antrópico.

Alguns procedimentos iniciais foram modificados em função da dinâmica da pesquisa. Por questão de tempo e segurança a gravação em todas as ruas, em todos os dias da semana, aplicação de questionário com todos os moradores do bairro e gravação de 24h por dia, mostrou-se inviável. Então, calculou-se uma amostra probabilística para cada item (RICHARDSON, 1999, p. 161-162) que resultou em uma amostra de 06 ruas do universo de 34 ruas do bairro; numa amostra de 04 dias (que aleatoriamente escolheu-se domingo, terça, quinta e sábado) do universo de 07 dias da semana; numa amostra de 563 entrevistados do universo de 5. 716 moradores e numa amostra de 06 minutos de gravação em cada dia do universo de 24h do dia, tendo em todos os aspectos 95% de confiabilidade dos dados. Como pode-se visualizar no mapa ao final do texto, das 06 (seis) ruas selecionadas, três são ruas internas ao bairro (rua do Guaçu, rua Teófilo Otoni, rua Olegário Mariano) e três avenidas (av. Sapopemba, av. Martim Francisco, av. João Pessoa). A rua do Guaçu é paralela à av. Sapopemba, a rua Teófilo Otoni tem ligação com a av. Martim Francisco, a rua Olegário Mariano tem ligação com a av. Martim Francisco e João Pessoa. Essas avenidas foram escolhidas, também, por que fazem comunicação do Jardim Utinga com outros bairros e são caminhos para o centro da cidade, configurando-se num local, dependendo do horário, de intenso tráfego de veículos. Nessas três ruas e três avenidas, nos dias 11, 13, 15 e 17 de julho de 2010 realizaram-se gravações com um gravador R-09HR da Edirol, nos seguintes horários: entre 06:00h e 12:00h; entre 12:00h e 18h; entre 18:00h e 00:00h; entre 00:00h e 06:00h. Estão previstas outras gravações para 2010 com a finalidade de ter um panorama sonoro do bairro em diferentes épocas do ano.

Nas ruas onde foram realizadas as gravações, será aplicado, por pessoas treinadas pelo pesquisador, um questionário semi-estruturado (RICHARDSON, 1999, p. 198-199) para uma

amostra, previamente calculada de 563 moradores de um universo de 5.513 habitantes. Esse questionário contém questões que objetivam identificar o que o morador acha de sua rua em relação aos sons que acontecem nela e entorno dela; quais são os cinco sons de sua rua ou de seu entorno, considerados por ele mais representativos; quais são os cinco sons produzidos por voz na sua rua ou em seu entorno dela, considerados por ele mais representativos e em que períodos (entre 06:00h e 12:00h; entre 12:00h e 18h; entre 18:00h e 00:00h; entre 00:00h e 06:00h.) esses sons listados ocorrem. Intenta-se, também, obter opiniões a respeito do que as pessoas acham das vozes que ouvem em sua rua ou entorno dela, e o que representa a voz para ela. Pretende-se, ainda, por meio dessas questões, saber se o entrevistado já ouviu falar em: Ecologia Acústica ou Paisagem Sonora e por último se ele participaria, se convidado, num encontro entre os moradores para tratar de questões a respeito dos sons no bairro de Jardim Utinga. É importante, salientar que os dados levantados nessa etapa serão analisados a partir do DSC (Discurso do Sujeito Coletivo) que é um procedimento metodológico que busca:

“numa forma não-matemática nem metalinguística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante. Essa metodologia é atrelada a um software: Qualiquantsof, destinado a viabilizar pesquisas com a metodologia do DSC, tornando-as mais ágeis, mais práticas, aumentando, em muito, o alcance e a validade dos dados.” (LEFEVRE, 2005, p. 25).

Nessa pesquisa em andamento, os dados levantados por meio de gravação ou questionário, serão tabulados e analisados de acordo com os passos 3, 4, 5 e 6 dos procedimentos metodológicos citados acima. Esses dados, também, serão apresentados num seminário, divulgado antecipadamente por meio de cartazes, cartas e e-mail, que tem o intuito de promover a discussão acerca do ambiente sonoro do bairro, principalmente no que se refere aos aspectos simbólicos (funções e significação do som), sobretudo o da voz. O Seminário é uma técnica (THIOLLENT, 2002) que, a partir das informações levantadas e analisadas, produz materiais de várias naturezas: “teórica” (análise conceitual), empírica (levantamento de dados, análise da situação) e, também, possui cunho informativo destinado aos moradores para que esses e pesquisador, possam dialogar a respeito do ambiente sonoro em que vivem, buscando em conjunto, refletir acerca dos aspectos simbólicos do som de forma que se possa pensar a respeito de possíveis mudanças ocorridas nesse ambiente sonoro pesquisado e de que formas essas transformações podem ou não afetar os moradores do bairro.



O entrelaçamento dos dados com o referencial teórico possibilitará analisar como os sons do Jardim Utinga, tomados como indicadores podem mostrar muita coisa a respeito das tendências e modificações ocorridas nessa comunidade; permitirá ainda destacar o som da voz humana em meio aos outros eventos sonoros e quais são os significados que as pessoas atribuem a ela de modo que se desperte emoções e pensamentos, que vão além das sensações mecânicas ou especificamente funcionais. Esse conceito que é muito claro na visão de Schafer (2001), conecta-se com as ideias de símbolo de Geertz (1989), o qual permite perceber a voz como símbolo sonoro que é parte de um sistema geral de formas simbólicas que constitui a cultura e, que por meio da construção e desconstrução de descrições de forma densa, possibilita compreender a comunidade. É possível ainda, analisar, de acordo com a transposição dos conceitos de Soffiati (2002) mencionados anteriormente, se o som da voz humana no Jardim Utinga, se dá num ambiente sonoro nativo que é caracterizado por sons naturais (vozes de animais, canto de pássaro, o zumbido de insetos; fenômenos naturais: chuva, trovão e vento), num ambiente sonoro transformado em que os sons naturais começam a perder espaço para os sons humanos (fala, risada, choro, tosse, gemido, grito, sussuro) e o ambiente sonoro antrópico, que pela ação drástica do homem, os sons naturais e humanos (como a voz) são substituídos por sons mecânicos e tecnológicos (aqueles produzidos por aparelhos, máquinas, brinquedos, instrumentos, celular, computador). De modo que, seja num ambiente nativo, transformado, ou antrópico perceba-se quais as interferências disso na concepção, dos moradores do bairro, da voz como um símbolo sonoro que muito pode ter para dizer a respeito deles; de suas relações uns com os outros e com ambiente em que vivem como um todo.

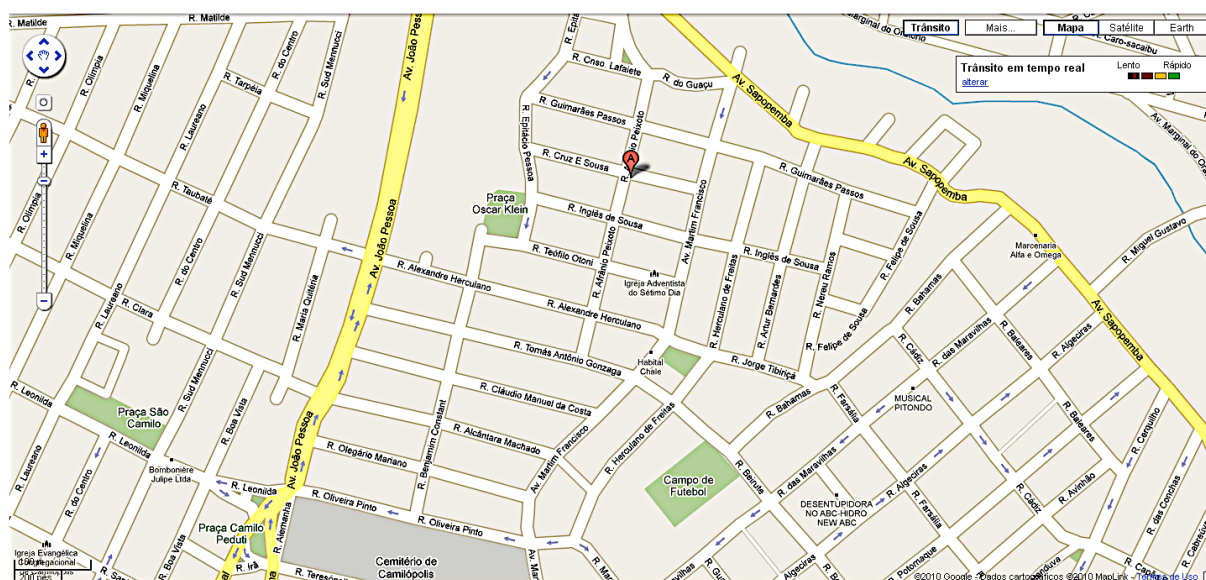


Figura 1. Mapa do Bairro: Jardim Utinga, Santo André, SP.

Simpoti

**I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música**  
**XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO**  
 Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010



**Referências bibliográficas**

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *Música e meio ambiente: a ecologia sonora*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1989

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 6ª. Edição. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1997.

LEFEVRE, Fernando. *Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

Mapa do Bairro do Jardim Utinga em Santo André In: <http://maps.google.com.br> acesso em 24/07/2010

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001

SOFFIATI, Aristides. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. DE. *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002. p.23-67.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2002.

